

LINGUÍSTICA TEXTUAL: OS CAMINHOS DA INTERTEXTUALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

Adriana Ferreira de Souza¹

Resumo: A pesquisa trata da intertextualidade nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio: O lugar da intertextualidade no material utilizado pelo professor em sala de aula. Assim, temos por objetivo reconhecer o valor significativo da leitura de textos que dialogam entre si, visando a construção de sentidos no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. A pesquisa fundamenta-se na leitura de textos sobre a questão; teóricos como: Kock, Orlandi, Marcuschi e da Crítica Cultural: Foucault, Deleuze, Derrida, entre outros, sustentam esse estudo. A metodologia segue a orientação pesquisa bibliográfica e/ou documental, com abordagem qualitativa para análise das aulas de professores de Língua Portuguesa, com base na coleta de dados a partir da observação, entrevista e/ou questionários direcionados aos professores e alunos, seguida da análise das observações feitas, articuladas aos textos teóricos. Esperamos que a pesquisa apresente concepções e material para a análise que propomos, contribuindo assim para o avanço do tema em questão no programa da crítica cultural.

Palavras-chave: Ensino médio. Intertextualidade. Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

A Linguística Textual tem como objeto de estudo o texto, que foi concebido de diferentes formas, desde suas origens até os dias atuais. Deixando de ser considerado como uma estrutura pronta e acabada para ser abordado como um ato de comunicação com base, não apenas em conteúdos semânticos, mas em práticas socioculturais.

A pesquisa tem por objetivo reconhecer o valor significativo da leitura de textos que dialogam entre si, visando a construção de sentidos no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, com base na leitura de textos de teóricos como: Koch, Deleuze, Derrida, entre outros, que sustentam esse estudo, tendo como metodologia a pesquisa documental e bibliográfica, numa abordagem qualitativa, articulando-os ao referencial teórico.

O presente trabalho trata num primeiro momento a introdução, onde se faz um apanhado sobre o referido trabalho; tem como segundo momento tratar da análise textual, tomando como base a Linguística Textual; e no terceiro momento, expõe as críticas de pensadores sobre a análise da linguagem a partir de uma estrutura.

Portanto, esperamos que a pesquisa apresente concepções para a análise que propomos, contribuindo assim para o avanço do tema em questão no programa da crítica cultural.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, identidades e formação de educadores. Orientadora: Profa. Dra. Maria Neuma Paes. Endereço eletrônico: afsadriana73@gmail.com.

A ANÁLISE DE TEXTO COM BASE NOS PRESSUPOSTOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Antigamente a Linguística Textual se limitava à análise das frases, mas a partir da década de 70, essa linha de estudo deixa de se preocupar com a frase isolada e começa a se interessar pelo texto por considerá-lo uma das formas de manifestação da linguagem, onde ocorre vários fenômenos linguísticos que podem ser explicados a partir do próprio texto.

Segundo Koch (2018), a Linguística Textual passa a conceber o texto como um ato de interação, descrevendo e explicando a língua dentro de um contexto em que se deve considerar suas condições de uso necessárias para a interpretação e produção de textos. O texto deixa de ser definido “como uma estrutura acabada (produto), passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção”. (KOCH, 2018, p. 26).

A Linguística Textual tem como objetivo o estudo da intertextualidade que se refere aos textos que dialogam entre si, de forma implícita ou explícita, podendo ser verbais ou não-verbais. É que ocorre também com a interdiscursividade em que há um diálogo entre discursos. Sendo assim, o processo discursivo acontece em si, priorizando as ideologias e o aspecto histórico-social presentes no diálogo entre os sujeitos em questão.

Ainda afirma Koch (2017) que

na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2017, p. 44).

O que torna o homem ser reconhecido pelos textos que produzem, gerando intertextos diversos, que se diferenciam pelo aspecto sócio-histórico-cultural de seus sujeitos.

Desde as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) que se coloca a intertextualidade como parte do processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, através de práticas de leitura que conduzam o aluno ao domínio literário, estabelecendo relações de diálogos e sentidos entre os textos lidos. Nesse sentido,

prevê-se que os eventos de leitura se caracterizem como situações significativas de interação entre o aluno e os autores lidos, os discursos e as vozes que ali emergirem, viabilizando, assim, a possibilidade de múltiplas leituras e a construção de vários sentidos (PCN, 2006, p. 33).

Apesar de não se referir diretamente ao termo intertextualidade, pois não há nenhum registro com esse termo, Bakhtin reforça a presença do dialogismo, a ideia de que os textos dialogam entre si. Para Bakhtin (1997, p. 191), “o interessante são as formas concretas dos textos e as condições concretas da vida dos textos, sua interdependência e sua inter-relação”. Para ele, o diálogo não está restritamente na composição do discurso, mas na relação discursiva com outros textos, estando sempre incompleto, pois suas lacunas podem ser preenchidas com ideias

e palavras do outro. Nesse contexto, as relações dialógicas correspondem às relações intertextuais.

Segundo as autoras Koch, Bentes e Cavalcante:

A Linguística Textual, [...], incorporou o postulado dialógico de Bakhtin (1929), de que um texto (enunciado) não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogo com outros textos (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 9).

Portanto, o processo intertextual está presente no cotidiano dos leitores quando fazem relação com outros textos à medida que colocam em prática a leitura de textos literários ou não, verbais ou não-verbais; observando, assim, que o texto não é puro, mas elaborado a partir de outros textos, de forma direta ou indiretamente. O hábito da leitura proporciona essa descoberta, pois o leitor, a partir de um conhecimento prévio, faz referência a outras leituras que colaboram na compreensão e interpretação das entrelinhas dos textos, ampliando, dessa forma, os seus conhecimentos e tornando-o um sujeito crítico que auxilie a transformar-se e a sociedade ao qual está inserido.

A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SEGUNDO AS TEORIAS DA LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

A partir do momento que a Linguística passa a se interessar pelo texto como objeto de estudo, colocando-o como ponto de partida e de chegada nas aulas de Língua Portuguesa, ultrapassando a frase, como o texto e o discurso, voltando-se para as relações entre os enunciados, muitos estudiosos passaram a se interessar pelo processamento de produção e compreensão do texto.

Com base em minhas vivências como professora de Língua Portuguesa também comecei a me interessar pelo estudo do texto nas minhas aulas, passando a considerar que a prática intertextual pode possibilitar aos alunos a ampliação do seu repertório sobre determinado assunto para que possam produzir textos e outras interpretações com mais propriedade.

Para Santiago (2005), ao se fazer a análise interpretativa de uma obra literária, se deve valorizar o que se convencionou a chamar 'texto de apropriação', ou seja, texto que, para sua leitura exemplar, "nos remete a outro(s) texto(s), texto que deixa ver em sua *transparência* outros textos." (SANTIAGO, 2005, p. 207). O que significa que os textos não são considerados isoladamente, mas pelo diálogo entre os mesmos. O que nos faz lembrar da atividade intertextual defendida pela Linguística.

Santiago (2005) salienta ainda que o processo de interpretação textual pode então ser definido a partir de três conceitos: a diferença, a transgressão e a contradição. Para ele, é na apropriação do texto histórico que se percebe o processo de transgressão dos valores da cultura

dominante. A contradição se afirma pela diferença, na medida em que os estudos literários retomam ao registro do passado somente pelo ponto de vista do colonizador, para recolocá-lo na perspectiva do colonizado (SANTIAGO, 2005). O que implica na identificação do sujeito/autor por não apresentar claramente o autor da diferença.

Dessa forma, o tema proposto pode contribuir na formação de sujeitos ativos e críticos para uma vida significativa, preparados para os desafios que a sociedade apresenta, sendo capazes de solucionar seus problemas, transformando a comunidade em que vive; e assim se transformando também.

Com base nessa afirmação, podemos considerar que a intertextualidade pode funcionar como um rizoma do texto, uma vez que, segundo Deleuze, a prática rizomática busca a análise da linguagem a partir da conexão com outros registros, contribuindo para a construção de significados, explorando novos sentidos. “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (GUATTARI; DELEUZE, 1995, p. 5).

Segundo os filósofos Deleuze e Guattari (1995), o pensamento não é linear, pode se abrir como raízes. Assim, se apropriam do Rizoma, que recusa a ideia do pensamento como representação e apresentam “Mil Platôs” como um livro-rizoma, um agenciamento com o fora contra o livro-imagem do mundo, que abole o pensamento tríade entre a imagem do mundo, como representação da realidade; a linguagem e o sujeito como uma estrutura enunciativa, sendo capaz de conecta-se às multiplicidades e não de uma lógica binária, dualista que se efetua em dicotomia, como vemos na Linguística.

Para os autores, o livro pode ser compreendido como uma máquina literária, revolucionária que produz pensamento múltiplo, “que pode ser conectado a outro e deve sê-lo” (GUATTARI; DELEUZE, 1995, p. 4), produzindo diversas semióticas. Assim, recorre através da linguagem a árvore arborescente para explicar a dicotomia que nunca compreendeu a multiplicidade. “A lógica binária é a realidade espiritual da árvore-raiz. Até uma disciplina ‘avançada’ como a Linguística retém como imagem de base esta árvore-raiz, que a liga à reflexão clássica” (GUATTARI; DELEUZE, 1995, p. 5).

CONCLUSÕES

Observamos que a Linguística Textual trabalha o texto, visando-o, não apenas como um todo organizado, mas como uma atividade comunicativa, onde os sentidos do texto se constroem a partir da interação entre fatores de ordem situacional, cognitiva e sociocultural.

Já os pós-estruturalistas suspendem o estruturalismo a partir da instalação de uma estrutura de pensamento, para não se deixar cair na armadilha da metafísica ocidental, questionando a análise textual desenvolvida pelo método linguístico, mas não o despreza. Sendo assim, os pós-estruturalistas ensinam a interpelar a língua que falamos, não como o sistema deseja, mas como um ato de resistência.

Embora os métodos de análise textual desenvolvidos pela Linguística Textual sejam criticados pelos pós-estruturalistas, ambos utilizam a intertextualidade para a construção de sentidos, a partir de perspectivas distintas: a Linguística Textual afirma que a intertextualidade opera produzindo sentidos superficiais no interior de um único universo discurso ou entre universos discursivos diferentes, enquanto que os métodos de análise da linguagem contemporâneos se apropria de textos, a partir da conexão com outros registros, contribuindo para a construção de significados, explorando novos sentidos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, 2006.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. – 2. ed., 1. reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. – 10. ed., 5. reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

GUATARRI, Félix; DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Costa e Célia Pinto Costa. Vol. 1. Editora 34, 1995.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.